

INTENÇÃO DE PROJETO E JUSTIFICATIVAS

A partir da leitura do território, percebemos a importância da microacessibilidade enquanto suporte fundamental do direito à cidade. Por serem pontos articuladores entre lugares e outros modais, as passagens qualificadas na microescala se tornam vinculadas à mobilidade na macroescala. Ademais, na escala local, elas vão além da necessidade funcional de conexão física, sendo também catalisadores para a criação de lugares com novas dinâmicas de interação homem-homem e homem-local – podendo constituir diferentes lógicas de apreensão dos espaços habituais.

Acreditamos que o desenvolvimento dessas conexões e suas reflexões intrínsecas a respeito da apropriação do espaço não se dão de maneira pontual e previsível no espaço e tempo. Do mesmo modo, a intervenção física por si só embora ofereça suportes para solução de demandas emergenciais de acessibilidade, drenagem, conforto ambiental e ergonomia, não é suficiente para estabelecer senso de domínio coletivo das passagens.

Tendo isso em vista, a proposta do grupo visa trabalhar paralelamente duas dimensões que constroem a percepção do espaço: a dimensão física – que tange elementos materiais do espaço, dando suporte a sua ocupação – e a dimensão psicológica – que está no campo do sensível, trabalha no desejo e vislumbre de possibilidades da reocupação do espaço.

Para se trabalhar com ambas dimensões, vê-se a importância do estabelecimento de diálogos - abrir canais horizontais para a discussão sobre a cidade - trabalhando com a participação coletiva. Entendemos essa abordagem como um constante cartografar, onde se transita pelo plano da experiência, acompanhando os efeitos do percurso durante a própria investigação. Assim, a intenção de projeto tem enfoque na construção e investigação de um processo; o qual, ao invés de prever um produto finalizado, acabado em si, depende da interação, articulação e assimilação de todos indivíduos envolvidos no diálogo.

Para guiar o desenho metodológico, definimos alguns pilares que compõem a proposta: PENSAR, AGIR, CONECTAR, DIVULGAR e EMPODERAR.

A estrutura da metodologia se dá por ações de caráter diverso, pautadas nos 4 pilares (Pensar, Agir, Conectar e Divulgar), tendo como fim o Empoderamento dos habitantes. Desta maneira, entendemos que o projeto acontece de forma coletiva e crescente, não necessariamente de uma maneira linear, mas sim, como uma espiral, que perpassa gradativamente por todos os pilares metodológicos. Pretende-se estimular a autonomia dos moradores, a fim de que a partir de determinado ponto, o processo possa se autogerenciar, criando possibilidade para que o agir, pensar, conectar e divulgar aconteçam concomitantemente.

METODOLOGIA

PENSAR

Reflexão sobre o espaço em suas dimensões físicas (infraestrutura) e psicológicas (significado e identidade)

AGIR

Intervenções no espaço que promovam melhorias físicas e provocações reflexivas

CONECTAR

Articular diversos atores sociais e desenvolver uma rede de atuação sobre o espaço, unindo pessoas e interesses

DIVULGAR

Disseminar as idéias e ações sobre o espaço, contribuindo para a geração de novos pontos de intervenção, reflexão e mobilização

EMPODERAR

Tornar o processo de reflexão e intervenções no espaço naturais ao cotidiano urbano, afim de que os cidadãos se tornem cientes sobre seus direitos sociais e civis, para que estes compreendam seu potencial como agentes transformadores da cidade, tendo liberdade para tomar decisões sobre o território

ATIVIDADES + MANUTENÇÃO

Partindo da idéia de sucessivas ações e reflexões utilizando os andaimes, espera-se ter um amadurecimento da percepção dos moradores do seu próprio espaço habitado, fazendo com que as intervenções se consolidem como domínio coletivo

INTERVENÇÃO PROVISÓRIA + PROVOCAÇÃO

Resolver demandas físicas emergenciais com intervenções provisórias, estimulando a reflexão sobre o espaço

INTERVENÇÃO DURADOURA

Instalação de infraestrutura que resolva os problemas de forma mais efetiva e duradoura

REAVLIAÇÃO + REFLEXÃO

Avaliar impactos das intervenções, aprofundando as reflexões sobre o território, e discutir possibilidades para intervenções duradouras

- 1 Demarcação física dos trajetos mais usados pelos moradores com materiais que chamem atenção, sugerindo uma continuidade do percurso
 - Utilizar uma mesma cor para pintar elementos em cada trecho;
 - Instalar uma corda transpassando todo o percurso;
 - Instalação de uma lona colorida
- 2 Avaliar junto com os atores os efeitos da instalação provisória. Explicar o andaime enquanto ferramenta e suas possibilidades para o atendimento de necessidades de infraestrutura básica, além de oferecer referências sobre sua aplicação
 - Roda de conversa com usuários das intervenções, oficinas com maquetes de andaimes, brainstorm coletivo
- 3 Desenvolvimento do senso de pertencimento em relação ao território, afim de que o espaço público possa ser reconhecido como de todos, uma extensão ao habitar podendo assim aumentar a sensação de segurança

- 1 Pequenas melhorias de infraestrutura com andaimes
 - Instalação de corrimão;
 - Patamares;
 - Degraus padronizados
- 2 Construção de infraestrutura guiada pelas decisões de projeto discutidas com os atores
 - Desenho do projeto para o espaço;
 - Levantamento dos materiais necessários;
 - Mutirão
- 3 Zeladoria do espaço
 - Reparos de mobiliário danificados;
 - Poda de vegetação;
 - Dia de limpeza

- 1 Trocar as diferentes visões sobre o território e suas demandas.
 - Roda de conversa entre moradores, agentes locais e externos
- 2 Agregar as habilidades e competências dos diferentes atores para a construção do espaço.
 - Construtores locais para a instalação dos andaimes
 - Recolher andaimes das redondezas, receber doação de lojas de construção da região, promover atividades de grupos locais
- 3 Entender o espaço público como locais de fomento das relações sociais, servindo como suporte de apoio ao desenvolvimento de um senso de comunidade.

- 1 Convocação para oficina de discussão sobre o espaço.
 - Lambes com frases provocativas e data da oficina
- 2 O uso contínuo e crescente do espaço por atividades que nele acontecem catalisam novas atividades, afim de atrair um número cada vez maior e diverso de participantes, podendo expandir-se para outros espaços

Partindo da ideia do projeto enquanto processo, propomos como materialidade o módulo de andaime tubular e/ou multidirecional, muito utilizados na construção civil no país, de fácil e barata obtenção, podendo até mesmo ser reaproveitado de obras já concluídas. As vantagens do material estão em sua facilidade e rapidez de montagem, desmontagem e remontagem; e, por tratar-se de um módulo, na versatilidade de suas combinações.

As características do material contribuem para um processo investigativo e participativo, uma vez que se tornam possíveis diversas configurações espaciais com um mesmo módulo, podendo variar ao longo do processo metodológico. Com a facilidade dos encaixes, também é possível envolver diversos atores na montagem, principalmente os moradores do bairro, visando estimulá-los a refletir, desejar e construir os espaços que querem.

A opção por estruturas em andaime também evoca o imaginário de construção e crescimento, uma possibilidade de transformação ao longo do tempo, e expansão das práticas adquiridas através das experiências do espaço; sendo possível sua replicabilidade conceitual, adequando-se às especificidades de cada lugar ou cada público.

O grupo acredita que uma das principais funções do arquiteto e daqueles que pensam a cidade é estabelecer diálogos, e por diálogos entendemos abrir canais horizontais para a discussão sobre a cidade, principalmente com aqueles mais impactados por ela, seus cidadãos. Desta maneira, através do processo metodológico, a estrutura em andaime atua como uma ferramenta de comunicação dos diversos atores envolvidos no processo da ação no espaço, fornecendo não apenas um suporte físico para atividades que podem se desenvolver, mas também como uma ferramenta de ação e de reflexão a respeito do território.

Afim de trabalhar com a maior variabilidade de situações, a equipe optou por estudar a passagem bambuzal, uma vez que ela é composta por trechos singulares, permitindo maior possibilidades de estudo para intervenções com andaimes – visando já sua replicabilidade. Analisando tal passagem, identificamos três diferentes tipos de trechos: os não-pavimentados, os pavimentados e aberturas.

Os trechos não-pavimentados são as passagens em desnível intraquadra com praticamente nenhum tratamento infraestrutural. Já os trechos pavimentados, são aquelas que vencem o desnível por meio de rampas ou escadas concretadas. Por fim, os trechos de aberturas são aqueles entre os trechos intraquadra, mais planos, amplos e conectados ao sistema viário; mas que carecem de tratamento para priorização pedonal e qualificação da microacessibilidade.

A partir de tal classificação, ensaiamos a flexibilidade do andaime para compor módulos que interviessem nos trechos de modo a suprir deficiências técnicas específicas de cada um, e que também trouxessem outros elementos para dar suporte à ocupação desses e outros espaços, como demonstrado na prancha síntese anexa.